

CORPO E MOVIMENTO NA DANÇA DE SALÃO: DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO

Aline Botini Coan, Flávia Fiorante, Roberta Gaio.

RESUMO

O trabalho apresenta uma discussão sobre gênero, trazendo à baila uma reflexão sobre a condução do movimento coreográfico em dança de salão. Ao longo da história da dança fica evidente o domínio masculino nas danças de casal. O homem por ser uma figura forte que por séculos teve o papel de tomar as decisões, sempre teve o papel de conduzir a mulher nas danças aos pares. Nos dias de hoje, apesar da evolução social feminina e as discussões científicas sobre gênero, ainda continuamos a perceber uma conduta nas danças de salão que perpetuam os estereótipos construídos pela sociedade, que traduzem a hierarquia de poder masculina. Por que a condução permanece e precisa ser totalmente masculina? É possível algum meio de condução conjunta que minimize a passividade da mulher na dança? A partir de uma pesquisa bibliográfica sobre a história da dança de salão ao longo do tempo, sua essência, características, evoluções, analisamos as questões de gênero na sociedade, a diferença de costumes e tradições entre meninos e meninas, homens e mulheres. Optamos também pela realização de uma pesquisa descritiva de opinião, baseada em Rudio (2003) na cidade de Piracicaba, entrevistando profissionais que atuam junto aos grupos de dança de salão, investigando a visão quanto à condução das coreografias nas danças de casais. A pesquisa concluiu que os cavalheiros continuam a frente quando o assunto é condução e os profissionais não consideram esta uma situação de inferioridade, pelo contrário acredita que a dama possui sua função na dança, ela é responsável por florear à mesma, usando o seu charme e feminilidade. Esta investigação pretende contribuir com as discussões de gênero que permeiam as práticas corporais, na perspectiva de quebrar paradigmas de exclusão e poder.

Palavras chaves: Dança de salão, gênero e formação profissional.

ABSTRACT

This assignment presents a discussion about gender, bringing to light a reflection about the leading of choreographic movement in ballroom dancing. Throughout the history of dance, it gets evident the male control on couple dances. The man for being a strong figure that for centuries had the role of taking decisions always had the role of leading the woman in a pair dance. Currently, although the female social evolution and the scientific discussion about gender, we still continue to realize a behavior in ballroom dancing that perpetuates the stereotypes built by the society, which translates the male power hierarchy. Why does the leading remain and need to be all male? Is it possible a joint way of leading that minimizes the passivity of the woman in the dance? From a bibliographical research on ballroom dancing history along the time, its essence, characteristics, evolutions, we analyzed the matter of gender in the society, the difference of habits and traditions among boys and girls, men and women. We also opted for the accomplishment of a descriptive opinion research, based on Rudio (2003) in the city of Piracicaba, interviewing professionals who act along with a group of ballroom dancing, investigating the view as for the leading in couple dance choreography. The research concludes that the gentlemen keep ahead when the subject is leading and the professionals don't consider it as an inferiority situation, on the contrary they believe that the lady has her role in the dance, she is responsible for flowering it, using her charm and femininity. This investigation intends to contribute with gender discussions that permeate corporal practices, in perspective of breaking exclusion and power paradigms.

Key words: ballroom dancing, gender and professional formation.

INTRODUÇÃO

Dança de Salão é uma atividade que exige a existência de um homem e uma mulher para o seu desenvolvimento. Há séculos esta dança de casal já se encontra presente em nossa história. O famoso minueto praticado nas cortes por volta do século XV é um marco do início desta modalidade de dança.

O enfoque de nosso trabalho é o estudo da dança de salão e as convergências e divergências com as teorias de gênero. Desde o início de sua existência, esta dança apresenta o homem como condutor, que orienta a dama, dita os passos e figuras a serem feitas através de seu corpo enquanto o papel da mulher sempre foi e ainda o é, de esperar a condução e interpretar o passo mencionado pelo homem.

Será que nesse momento de participação conjunta de movimentos e música a mulher necessita ter somente uma posição passiva, de atendimento as ideias masculinas, sem criatividade e criação de movimentos? Sem nos preocuparmos com a dança de salão de alto nível de performance, a iniciação nessa modalidade não pode refletir uma sociedade mais igualitária, de direitos e deveres para ambos os sexos? A dança de salão, nos dias de hoje, ainda deve reforçar a hierarquia de poder dos homens em relação às mulheres?

Com este estudo objetivamos investigar o papel do homem e da mulher nas danças de salão, realizando um levantamento histórico das danças de salão e analisando os dados a luz das teorias de gênero. Para tal, investigamos a origem e conseqüente permanência da condução totalmente masculina nas danças de salão à partir dos discursos de profissionais de Educação Física e de Dança atuantes, no mercado de trabalho com a modalidade em Piracicaba.

Como profissional em Educação Física, atuando com a dança de salão, nossa preocupação surge no sentido de contribuir para o desenvolvimento das nossas aulas, e conseqüentemente auxiliar na compreensão de alguns questionamentos que surgem a respeito desta modalidade, além de proporcionar ideias para possíveis mudanças no processo pedagógico em sala de aula.

METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado em duas etapas, a saber: pesquisa bibliográfica e pesquisa descritiva de opinião. A pesquisa bibliográfica foi elaborada a partir do caminho metodológico proposto por Severino (2002), baseado nas palavras chave, dança de salão, gênero e formação profissional.

O levantamento dos dados foi realizado na biblioteca da Universidade Metodista de Piracicaba e foram utilizados livros e artigos retirados de revistas científicas. Também houve a consulta em um site relacionado à dança de salão. Já a segunda parte foi à concretização de uma pesquisa descritiva de opinião na cidade de Piracicaba, na qual entrevistamos os profissionais de dança de salão e analisamos suas respostas tendo como referencial Rudio (2003).

Foi realizada uma pesquisa sobre locais que ofereciam aulas de dança de salão em Piracicaba - SP e, encontramos quatro profissionais dispostos a colaborar com nosso trabalho. Três profissionais ministram aulas em clubes e um em uma academia de ginástica, sendo todos do sexo masculino, tendo uma dama cada professor. Das quatro damas auxiliares, somente uma não participava do processo didático, sendo somente solicitada para a demonstração de passos.

O instrumento de coleta de dados proposto, elaborado especialmente para essa investigação, consta de perguntas a respeito da formação profissional e sobre as diferenças de conduta do homem e mulher na dança de salão, possibilitando a concretização de uma entrevista semiestruturada com os profissionais.

Para a realização da entrevista foi utilizado um gravador para auxiliar no registro. Os profissionais responderam as perguntas. Em cada local foi marcado um horário para os contatos e os entrevistados relatavam suas experiências e deram os seus pareceres a respeito da problemática do trabalho.

REFLETINDO SOBRE DANÇA DE SALÃO E GÊNERO

Encontramos na maior parte das pesquisas relacionadas ao estudo de gênero o destaque a mulher. Possivelmente isso aconteça pelo fato deste ser denominado como um grupo menos privilegiado no ambiente social. Assim, o conceito de gênero foi e ainda esta sendo construído na lógica de:

...argumentar que diferenças e desigualdades entre mulheres e homens eram social e culturalmente construídas e não biologicamente determinadas. Como construção social do sexo, gênero foi (e continua sendo) usado, então, por algumas estudiosas, como um conceito que se opunha a – ou complementava a – noção de sexo e pretendia referir-se

aos comportamentos, atitudes ou traços de personalidade que a cultura inscrevia sobre o corpo sexuado. (MEYER, 2003, p.15)

Esta figura feminina manteve e em algumas situações atuais ainda mantém a responsabilidade às obrigações domésticas e familiares. O exemplo de uma boa mulher se resumia a uma pessoa prezada, com dotes culinários, de organização e que ao mesmo tempo conseguia ser uma excelente mãe e esposa.

Nas palavras de Goellner (2003, p.28), em uma longa citação, encontramos respaldo para as nossas ideias:

Vejamos: por muito tempo as atividades corporais e esportivas (a ginástica, os esportes e as lutas) não eram recomendadas às mulheres porque poderiam ser prejudiciais a natureza de seu sexo considerado como mais frágil em relação ao masculino. Centradas em explicações biológicas, mais especificamente, na fragilidade dos órgãos reprodutivos e na necessidade de sua preservação para uma maternidade sadia, tais proibições conferiam diferentes lugares sociais para mulheres e para homens onde o espaço do privado – o lar – passou a ser reconhecido como de domínio da mulher, que nele poderia exercer na sua plenitude, as virtudes consideradas como próprias de seu sexo, tais como a paciência, a intuição a benevolência entre outras.

Porém, por permanecer muito tempo somente neste ambiente do lar, o corpo feminino não foi estimulado a produzir conhecimentos. Vivendo em situações pobres de cultura, e sem possibilidades para exercitar seus pensamentos lógicos e produzir conhecimento científico, a mulher conseqüentemente se tornou submissa, com atitudes limitadas, (ROMERO, 1995).

A mulher, ao longo do tempo começou a contestar essa submissão e deu início a manifestações com o objetivo de alcançar “suas oportunidades de estudos, acesso a determinadas profissões”, entre outras conquistas, (LOURO, 1997, p. 15).

Com isso aos poucos e com o auxílio de grupos feministas, as mulheres começaram a conquistar espaços dentro da sociedade, inclusive nos esportes.

Em artigo sobre o fluxo turístico nos três últimos Jogos Olímpicos do século XX, Carvalho e Gaio (2006, p.25) destacam o aumento da participação da mulher no esporte mundial:

Observamos que está havendo um aumento no número de nações na participação dos Jogos Olímpicos. Destaque para o aumento exponencial da participação feminina nos jogos na última década, que aumentou em mais de 50% o número de mulheres de Barcelona (1992) para Sidney (2000), enquanto os homens praticamente permaneceram quantitativamente estáveis em tal período, o que acarretou na elevação do total de atletas na competição.

O esporte era historicamente dominado pelo homem e a interferência feminina, causou a estes benefícios com relação à “autoestima, segurança, saúde, performance, anatomia, reconhecimento público histórico”, (DEVIDE, 2005, p.21), o que fortaleceu o grupo feminino e minimizou o preconceito.

Fazendo uma retrospectiva da história, acredito que a não interferência da mulher nos esportes acontecia por acomodação, aceitação dos direitos e deveres estabelecidos na época, e grande parte das mudanças aconteceu com o auxílio de grupos feministas.

Esta história se resume à oposição de características e comportamentos de homens e mulheres, a dominação masculina sobre o “sexo frágil”, e a luta da classe feminina pela igualdade, política e social, (SAYÃO, 2002).

Para Devine (2005, p.29), “o gênero se relaciona aos comportamentos, atitudes e discursos esperados de ambos os sexos, nas múltiplas esferas sociais, em que homens e mulheres estão inseridos”.

É evidente que existem distinções entre masculinidade e feminilidade. Estas estão diretamente relacionadas “com tudo o que vivemos, experienciamos, sentimos, identificamos, simbolizamos, representamos como masculino e feminino num determinado momento sociocultural”, (SAYÃO, 2002, p. 89).

Devide (2005, p.50), aponta motivos pelo qual a classe feminina não era bem recebida quando se tratava de esporte:

Apoiada em conceitos da fenomenologia, pressupões-se que a mulher é vista como um corpo-objeto ao invés de um corpo-sujeito; um corpo inativo, no qual o esporte, baseando-se nas suas capacidades e habilidades corporais, torna-se incompatível com a natureza feminina, fazendo com que a mulher, ao se envolver com a prática esportiva, ela não seja vista com realmente uma mulher, ou de outra forma, a atividade que ela pratica não seja encarada como um esporte.

As mulheres não eram bem aceitas nos esportes, pois devido à dedicação que elas precisariam ter nestes, elas poderiam falhar como mulher, deixando de empenhar assim o seu principal papel dentro da sociedade, de ser mulher e mãe de família.

A mulher também teve que romper barreiras para ingressar na ala esportiva. Sofreram várias críticas e preconceitos, em alguns casos até tiveram suas identidades sexuais questionadas, “fazendo com que a mídia, fisiologistas e líderes esportivos renovassem seus interesses sobre as definições biológicas e sociais da feminilidade”. (DEVIDE, 2005, p.45).

Nos esportes as diferenças, facilidades e dificuldades características dos sexos devem ser levadas em consideração, porém, não acreditamos que possa existir alguma modalidade esportiva adequada somente a um dos sexos, qualquer modalidade pode ser praticada por homens e mulheres, respeitando suas limitações.

A prática esportiva, independente de competitiva ou não, é importante para a saúde do indivíduo, pode e deve ser praticada por homens e mulheres.

Devide (2005), relata que a mulher tem a possibilidade de desempenhar papéis masculinos e femininos em situações apropriadas, inclusive no esporte. Nesse momento nós levantamos algumas questões: há necessidade de papéis definidos por sexo na dança? A dança é uma atividade que pode e deve ser praticada por ambos os sexos sem restrições? Somente o homem deve comandar a dança de salão? No trabalho com crianças podemos ensinar a dança “brincando” com o sentido de liderança e invertendo os papéis a cada ritmo ensinado?

Para que a dança de salão aconteça é necessário manter a sintonia entre o casal. Perante aos inúmeros passos existentes em diferentes ritmos, é necessário que exista a indicação por um dos dançarinos do passo que será realizado, e esta é sempre oferecida pela figura masculina.

Nesta dança, a tradição do homem tomar as decisões se perpetua até os dias atuais, “é o cavalheiro a quem cabe conduzir e à dama, ser conduzida (...) cabe a ele decidir formalmente quais passos e figuras serão executados”, (RIED, 2003, p.37).

Nestes casos se a dama não seguir as orientações do parceiro, a dança não flui. Não existe um ritmo que seja comandado pela mulher, e nem de maneira conjunta, o que conseqüentemente acaba minimizando a participação feminina na prática dos ritmos.

Ried (2003, p.37) afirma que a condução é determinada pelo cavalheiro, pois existem características responsáveis para um melhor desempenho na condução, que são de caráter masculino. Abaixo segue o seu relato:

O conduzir do cavalheiro exige segurança, determinação, objetividade, habilidade e domínio técnico, enquanto que o seguir da dama, por sua vez, requer sensibilidade, empatia, criatividade e emotividade, características essas que não devem ser confundidas com passividade e submissão à imposição e dominância por parte do homem.

Permitimos-nos discordar, nesse momento, da autora acima citada, quando a mesma diz que segurança, determinação, habilidades e domínio técnico são características prevaletentes nos homens. Desde meados do século XX e principalmente no início do século XXI, a mulher de um modo geral, já apresenta determinação, podendo tomar incitativas e resolver problemas com a mesma segurança que a classe masculina. Assim como, empatia, sensibilidade e criatividade são predicativos não só das mulheres, mas também dos homens.

Homens e mulheres ao mesmo tempo diferentes e iguais, que solicita esse século que se inicia, fruto de uma sociedade que se diz pós-moderna, aberta às diferenças, que valoriza o ser humano pelo

que ele é não pelo que ele deveria ser; que busca quebrar o paradigma do corpo perfeito, padronizado, estereotipado e definido, que luta contra preconceitos, discriminações e estigmas e que acredita na igualdade de direitos e deveres frente à realidade social.

Então perguntamos: qual é a concepção de ser humano que o profissional que trabalha com a dança de salão tem? Como ele deve trabalhar nesses novos tempos? Que valores devem ser passados para as crianças e jovens que começam a praticar a dança de salão? Que sociedade pretendem construir os que exploram a dança de salão?

Não existem formas muito complexas para se conduzir. Estas, muitas vezes são realizadas com os braços, pernas ou tronco (RIED, 2003). Os movimentos indicadores com estas regiões do corpo não são feitos de forma forte ou repentina, as conduções são feitas suavemente e elaboradas antecipadamente, podendo facilmente ser realizada também por uma mulher.

Soluções para o “problema”? Seria possível existir ou uma maneira de se conduzir conjuntamente?, A mulher poderia conduzir em alguns ritmos e o homem em outros? Essas possibilidades, com certeza, fariam com que a mulher participasse mais diretamente da dança.

Pretendemos assim, instigar os profissionais de Educação Física e de Dança, a pensarem no ensino-aprendizagem da dança de salão nas escolas, nos clubes, nos hotéis, para crianças, jovens, adultos e idosos, para além da prática competitiva. Lugares esses, onde as aprendizagens de atividades corporais estão relacionadas a uma educação para vida, pela emancipação intelectual e pela construção de uma sociedade mais justa e ética.

APRESENTANDO OS DADOS COLETADOS COM A PESQUISA DE CAMPO

Abaixo apresentado os dados obtidos junto aos profissionais de dança de salão a partir das questões levantadas para discussão:

Em relação a questão nº 1:

Você tem alguma leitura sobre teorias de Gênero? Caso seja positivo, fale um pouco sobre esse conhecimento.

Sujeito 1:

O que eu sei sobre gênero é que na dança o homem além de saber dançar tem que saber conduzir e o homem tem que estar sempre a frente para saber qual o passo que ele irá conduzir.

Sujeito 2:

Na dança de salão a gente precisa estar sempre pesquisando, sempre atualizado, por isso é necessário estar sempre na internet, ou mesmo lá na academia Jaime Aroxa procurando coisas novas.

Sujeito 3:

Na dança de salão existe uma regra básica que diz que o cavalheiro conduz a dama, o que eu sei sobre gênero é isso.

Sujeito 4:

Não, não tenho conhecimento sobre o assunto.

Em relação a questão nº 2:

Por que a condução na dança de salão deve ser do homem?

Sujeito 1:

Porque, ele que comanda que imagina os passos, é uma regra, ele conduz para a dama dançar.

Sujeito 2:

Isso também é cultural, e deve ser responsável por uma deles, pois se os dois resolvessem conduzir, não ia dar certo. O homem tem que conduzir e a dama devem deixar ser conduzida. Nas aulas nós separamos o homem da mulher para ensinar a condução.

Sujeito 3:

A teoria diz isso, não é uma questão de superioridade, mas é mais fácil o cavalheiro dar um suporte e uma segurança melhor a dama.

Sujeito 4:

Na dança de salão é universal a condução ser do cavalheiro, a dama entra na parte do charme e o homem tem a função de conduzir a dama.

Em relação a questão nº 3:

Em sua opinião, no trabalho inicial com a dança de salão com crianças e jovens poderíamos trabalhar com uma condução mista, ora masculina e ora feminina? Justifique.

Sujeito 1:

Acredito que sim, o básico pode ser trabalhado tanto como o homem como com mulher, inclusive existem mulheres que por falta de homens fazem o papel deles, então acredito que possa sim existir esta condução mista, mas no básico.

Sujeito 2:

Hoje em São Paulo existem várias casas que ambos os sexos conduzem, mas eu acho que não da certo, que fica confuso, é muito complicado.

Sujeito 3:

Sim já aconteceu comigo um trabalho de samba que os meninos tinham dificuldades e as meninas conduziam os meninos. Na coreografia deu certo, talvez se eles forem para um salão, não daria certo.

Sujeito 4:

Sim, acho que é até legal o cavalheiro treinar o lado masculino e a dama o masculino, tanto porque quando a dama trabalha o lado masculino, ela obriga o cavalheiro a conduzir melhor.

Em relação a questão 4:

Onde, como e por que você aprendeu a condução da dança de salão?

Sujeito 1:

Eu fui obrigado a aprender a condução por que é a função do homem, é uma necessidade, se o homem não souber conduzir ele não vai conduzir a dama. E aprendi nas aulas com um professor especializado.

Sujeito 2:

Aprendi com meu primeiro professor, ele me ensinou que a condução deve ser do cavalheiro, e isso a gente passa para nossos alunos.

Sujeito 3:

Aprendi com uma professora desde os 13 anos de idade, o homem tem a necessidade de aprender para levar a dama.

Sujeito 4:

Aprendia a conduzir na academia Jaime Aroxa, pois a condução por parte do cavalheiro é fundamental a uma dama.

Em relação a questão 5:

Você acredita que, os profissionais de dança de salão acompanham a evolução social da humanidade e contribuem para construção de uma sociedade igualitária do ponto de vista de gênero? Por que?

Sujeito 1:

Acredito que sim, por mais que o homem conduza, ele conduz para a dama dançar é a dama responsável para embelezar a dança, não é uma questão de machismo, cada uma tem sua função, cada um faz sua parte.

Sujeito 2:

Não, acho que os profissionais, a minoria acompanha é esforçado e corra atrás, mas na questão de gênero, como o tempo só.

Sujeito 3:

Não, ele faz o que tem que fazer, o que é proposto, acontecem poucas mudanças.

Sujeito 4:

Sim, acredito, essa evolução deve acontecer, ao contrario o lado feminino ficará sempre estacionado. A mulher não fica inferior na dança, cada um tem seu papel.

CONCLUSÃO

Dos profissionais entrevistados, dois deles trabalham na área a mais de cinco anos e os outros dois a menos. Somente um deles não trabalhava com uma parceira auxiliar no processo educativo. Percebe-se também, que esses profissionais, apesar de uma certa experiência, não possuem formação acadêmica, seja em Dança ou em Educação Física, o que denota uma despreocupação com a leitura, com a pesquisa e conseqüente participação em congressos científicos, além de técnicos na área específica.

As repostas sobre a condução totalmente masculina na dança de salão estavam relacionadas a aspectos culturais e segurança. Alegaram que já se tornou regra o homem conduzir, mas isso não significa que ele tenha um papel mais importante na dança de salão, a dama é responsável pelo “florear” da dança, seguindo os comandos oferecidos. Não existe uma figura mais importante, ambos possuem suas funções.

Mas para além dessa discussão sobre a condução, o que queremos mostrar nesse final de trabalho é que a prática de atividade física, em especial da dança de salão não pode acontecer descontextualizada, desconectada com os acontecimentos sociais, com a mudança cultural de hábitos e costumes, do avanço promovido pela sociedade e para sociedade.

Há que se ter uma leitura, um estudo, um planejamento, renovando sempre sua atuação profissional frente o desenvolvimento de um conteúdo, acompanhando assim a construção de uma nova sociedade, um novo pensar sobre a vida, os valores e costumes. Não se pode, como profissional de Educação Física ou Dança, simplesmente repetir atitudes, movimentos e ações sem questionar o valor das mesmas, como robôs, reforçando estereótipos construídos por uma cultural, atualmente em pauta, questionada, instigada a modificações.

Fica evidente a necessidade de estudos teóricos sobre a importância social da dança de salão para o seu humano, para além da prática pela prática de movimentos e música. O que falamos nesse momento, sinalizando para um outro trabalho, é a preocupação com a formação profissional do profissional responsável pela aplicação desse tipo de dança dentro e fora da escola, pois o mesmo precisa, para além do conhecimento técnico sobre esse conteúdo, estudar os seres humanos, suas características de crescimento, de desenvolvimento, sociais, culturais, além da evolução histórica da humanidade, e assim, suas necessidades, num século que se diz aberto às diferenças, disposto a respeitá-las, entendê-las e atendê-las, numa tendência harmoniosa de vida e participação sócio-cultural.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, R.B.; GAIO, R. **Os Jogos Olímpicos e o turismo:** uma visão sócio econômica in Revista Movimento e Percepção, vol. 6, n.8, UNIPINHAL, 2006.

DEVIDE, F. **Gênero e mulher no esporte**. Ijuí: Unijui, 2005.

GOELLNER, S.V. A produção cultural do corpo in LOURO, G.L.; NECKEL, J.F.; GOELLNER, S.V. **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

LOURO, G. L., **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**, Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, G.L.; NECKEL, J.F.; GOELLNER, S.V. **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MEYER, D.E. Gênero e educação: teoria e política in LOURO, G.L.; NECKEL, J.F.; GOELLNER, S.V. **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

RIED, B., **Fundamentos de dança de salão**. Londrina: Midiograf, 2003.

ROMERO, E., A arquitetura do corpo feminino e a produção do conhecimento, In ROMERO. E. (org), **Corpo, mulher e sociedade**, Campinas: Papirus, 1995.

RUDIO, F. V., **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis: Vozes, 2003.

SAYÃO, D. T., Por que investigar as questões de gênero no âmbito da Educação Física, esporte e lazer?, In **motrivivência**, Ano XIII, nº 19, dez , p. 87-95, 2002.

SEVERINO, A. J., **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2002.

Dra. Roberta Gaio
Rua Nazaré Paulista, 743 – Jardim Paineiras
Campinas – SP
CEP 13090-610
Fone (19) 81415277